



GT 047. Nas tramas do viver: entre governos, escritas e antropologias da dor

Natália Corazza Padovani (Pagu / UNICAMP) - Coordenadora, Leticia Carvalho de Mesquita Ferreira (CPDOC/FGV) - Coordenadora

Este GT dá continuidade a um debate iniciado em 2015, que respondia a três distintas ordens de problemas: a dimensão política da dor, as técnicas de governo e a escrita etnográfica. Preocupados por aspectos do viver que muitas vezes são esquecidos, sublimados e controlados, mas, todavia constituem e animam a vida cotidiana, neste GT, propomos, agora, uma nova rodada de debates. Para tanto, temos o intuito de reunir etnografias que analisem as variadas articulações entre técnicas de governo e modalidades de sofrimento, explorando tais dilemas a partir de diferentes perspectivas. Seu viés analítico é o desafio de transpor terminologias locais para termos correlatos como 'dor', 'sofrimento', 'sofrer'; os desafios metodológicos são como fazer etnografia de/em situações de sofrimento; e suas composições políticas - até onde ir na partilha da dor com nossos interlocutores? Como evitar uma compaixão desenfreada ou um desejo de governo renovado? Ao acreditarmos que o sofrimento/dor apresenta-se como condição comum a variados contextos de pesquisa, esperamos receber contribuições que, independentemente de vínculo disciplinar, estejam, por um lado, atentas a como a forma política produtiva do sofrimento pode, em muitos contextos, ceder espaço à forma produtiva do governo, a fim de produzir sujeitos e populações governáveis. E, de outro lado, não se furtem a descrever a dor como modo de viver o mundo, cujo modo situado de análise incide em formas de narrar e produzir etnografia.

Dor, sofrimento e vitimização como técnicas de governo: considerações a partir de dois casos de abortamento em mulheres com deficiência intelectual

Autoria: Julian Simões Cruz de Oliveira

Nessa comunicação buscarei explicitar como as estratégias de acesso aos direitos sexuais e reprodutivos de mulheres com deficiência intelectual em situação de violência sexual são elaboradas por um idioma moral articulando dor, sofrimento e vitimização. A partir de uma pesquisa empírica realizada no Ambulatório de Violência Sexual em uma cidade do interior de SP, apresentarei dois casos de interrupção legal de gravidez. Um deles é realizado por uma garota de 13 anos e o outro por uma mulher de 27 anos, ambas com deficiência intelectual. Discutir esses dois casos ajuda a evidenciar as formas distintas de narrar cada uma das situações de violência, bem como as técnicas de governos nelas envolvidas. Isso porque, o impacto da história de violência vivenciada pela garota de 13 anos ressoou de modo a produzir uma unanimidade na decisão de autorização o aborto. Já no caso da mulher de 27 anos, o impacto da história não se deu pelo espanto produzido em função da violência perpetrada. Mas sim, pela sua condição jurídica de mulher com deficiência intelectual violada sexualmente. Por tais motivos, finalizarei a comunicação me aprofundando nas convenções narrativas utilizadas pela equipe do Ambulatório, uma vez que propiciam refletir como são construídas algumas técnicas de governo dos direitos dessa população. Como afirmado anteriormente, tais formas estão ancoradas em gramáticas emocionais que fazem emergir uma noção de vítima como modo de regulação moral dos corpos, da sexualidade, mas também de direitos e deveres.



Realização:



Apoio:



Organização:

